

Ao verme,

que primeiro roeu

as frias lembranças

da carne

Por Rogério Ivano

A imortalidade do homem está na duração do esquecimento e na transmutação dos vermes. Tudo que é imortal inexiste na memória, versão mundana do tempo. Tudo que é imortal antecede a morte, começo prematuro da existência. Nada do que é imortal ressuscita. A imortalidade não é divina, não depende da vida. É obra de vermes.

Por entre as falsas ruínas e os manuscritos forjados que infestam os séculos, grassam legiões de semideuses, todos cotos, caolhos, crentes, incapazes da verdadeira desumanidade. Entorpecidos pelos lapsos da ausência, voltam as costas na ilusão de flagrar a ação do tempo. Mas descobrem-se carne enjeitada, condenada a perpetuar ordinárias reencarnações da memória: gestos impossíveis, glórias injustas, repetidas redescobertas, ocasos ensaiados, bravatas postiças, flagelos previstos.

Distante dos céus e longe da terra, nem inválidos, nem infiéis, vivem infinitamente lembrados por tudo que não tem nome. A posteridade os

consome e os regurgita. Primeiro, recusam se entregar à sanha dos vermes, apegando-se às suas criações mundanas, como sombra dos fantasmas. Depois, desdenham delas, como se a um outro eu pertencessem as obras. Mas uma vez morta, em toda criação, mulata, cara, gorda, cobiçada, flácida, irada, orgulhosa, baixa, revolucionária, remediada ou vadia, viceja aquilo que a extingue do tempo. Nada existe apenas uma vez.

Um defunto-autor homenageou aos vermes dedicando-lhes a obra. *Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico com saudosa lembrança estas memórias póstumas*, escreveu. Quis ele conquistar a imortalidade do seu escrito ludibriando os vermes com a vaidade literária dos homens de letras, esperando que se contorcessem em torno deles mesmos e fossem devorados pela própria boca. Subestimou a fatalidade de sua pena. Lembrar aos vermes de sua faina foi como cuspir na pólvora do cartuxo que carrega a bala

da morte. Para não ser roído pelo tempo, para não ser comido por si mesmo, o defunto-autor se queria imortal. Mas foi ao contrário, deixou de sê-lo quando negou sua carne viva às presas dos vermes imemoriais.

O país de nascença o traiu. Lá vive o Minhocão, verme fantástico, gigantesco, visto somente pelo povo. A fé rústica das gentes do lugar fez da criatura, há muito já imaginada por uma esquecida tribo paleolítica, uma sublime besta dos céus. Das alturas desceu o horrendo bicho, encarregado de fazer o homem convencer-se dos milagres celestiais. Assim viveu o defunto-autor a triste sina de habitar numa terra onde os vermes são taumatúrgicos.

Essa dádiva imprópria recaiu sobre uma antiga prole de vermes. Na idade das trevas, tempo em que a pobreza e a doença da multidão causavam inveja aos ricos, barrados às portas do céu, uma grave sentença foi lançada de um púlpito dourado: "As sevandijas dos pobres são as pérolas do

bispo”. A eloquência sagrada do pregador fez os vermes se contorcerem, como que pisados. A piedade e a compaixão humana enganaram a sua fome, taparam suas bocarras, calaram seus tormentos. Foram divinizados. Os filhos dos filhos dos filhos dos filhos de tantos outros filhos seus partiram em diáspora, cruzaram as fronteiras, chegaram a terras de além mar. Lá, reafirmaram a sanha dos céus: emular a mortalidade abjeta dos ricos.

Daqueles tempos ignotos recolheu um padre inaciano os testemunhos. Conta que um santo bispo foi chamado por um vadio leproso, que não se fiava em esmolas, mas que se lhe limpassem das chagas os vermes que consumiam sua carne. Piedoso, foi ter o bispo ao pedido, de alvo lenço em punho. Porém, acudiu o doente, rogando que muita dor sentiria caso não fosse usada da língua. Vencendo o asco e a recusa da natureza, o bispo deitou sua boca à chaga, mas ao invés de vermes, extraiu dela preciosa pedra. Interrogado sobre a peça, o bispo tomou o pobre mendigo por anjo, invocando palavras de antigos profetas bíblicos para dar causa ao fato. Não houve quem o contestasse.

De uma só pérola, porém, não se faz um rosário. Arrola um outro mistério o venerado padre: São Domingos, fugindo dos heréticos maniqueus, foi viver dias piedosos na pacífica Rouen. Com devoção, passou a ministrar os sacramentos da comunhão a uma mulher virtuosa, que padecia alegremente de horrível enfermidade. Carregava ela medonho cancro que lhe consumia os peitos, onde a própria podridão das matérias criava muitos vermes. Vendo as graças e louvores sinceros que a mulher votava ao Senhor, desejou São Domingos guardar um daqueles bichos como relíquia. Mas ela só o consentiu se o asqueroso verme fosse posto novamente em seu lugar, porque estimava cada um deles como a um filho seu.

Jurada a promessa, a mulher ofereceu os peitos ao santo, que deles recolheu um bicho. Assim posto na palma da mão, a criatura converteu-se em formosíssima pérola. Incitaram ao santo lépidos frades, persuadindo-o a guardar o tesouro, pois já não sendo

verme, não cabia ser restituído à chaga. Antes que a mulher esconjurasse o atrevimento, a pérola foi colocada no lugar, retornando imediatamente a ser o que era. Fez então São Domingos o sinal da cruz sobre os peitos, que arfou em regozijo e deitou por terra a carne podre e os vermes. Exclamou o santo: “O amor de Deus torna bichos em pérolas, mas pérolas no peito o amor do mundo as torna em bichos!”. *Gloria ejus stercus, et vermis.*

Só a um homem de fé cabe aludir se foi a castidade das mãos do santo que transformou o verme em pérola, ou se a santidade materna da mulher, que tinha os bichos por filhos. O desesperançado Jó, quando trocava o dia pela noite, a luz pelas trevas, quis ter os vermes por mãe e irmã, e a podridão por pai. Ansiava descer ao mundo dos mortos e findar no pó, abandonado que se sentia. Mas sua dor tinha prazo e limite, o transtornava mais que matava. Sentia-se convicto de sua mortalidade. O Pai, antes de crucificar seu Filho, o fez dizer aos discípulos: todo maneta piedoso, todo coxo fiel ou caolho arrependido se livra do inferno, onde os vermes não morrem e o fogo não cessa. Não podia Jó, posto à prova de sua própria fé, ser adotado pelos vermes e embalado em um sono sem fim. Era um eleito, tinha que perseverar e provar que não era vergonha chamar aos vermes pelo nome da mãe.

Esses, no entanto, são fatos de um tempo ainda futuro, anos obscuros e posteriores à idade primordial do mundo. Antes de haver terra, antes de haver céu, havia Tiamat, fabuloso espírito do caos, deusa das forças primitivas, dona do grande útero que pariu o mundo. Na guerra contra os deuses, filhos traidores e oportunistas que tivera com Apsu, espírito dos rios, Tiamat deu vida a onze terríveis criaturas para enfrentá-los: o verme, a mulher monstro, o homem escorpião, a tempestade ululante, o grande leão, o cão louco, o dragão e os quatro inomináveis.

Tiamat perdeu a guerra. Marduke, que a derrotou liderando uma legião de deuses e deusas, fez seu corpo em pedaços, rasgou suas entranhas, despedaçou seu coração; tomou o cadáver e jogou-o ao chão,

pisoteando como a um monstro. Furioso, dividiu o corpo em dois: de uma metade criou a terra, da outra o céu. Conta o extinto povo babilônico que Tiamat se foi, mas resistiram à vingança dos deuses o verme, a mulher monstro, o homem escorpião, a tempestade ululante, o grande leão, o cão louco, o dragão e os quatro inomináveis.

As línguas bárbaras dos conquistadores nórdicos que subjugaram o mundo antigo legaram a palavra Worm (ou Wurm), que cabe para verme, bicho, víbora, serpente e dragão. Chama-se Lambton Worm o mais afamado verme britânico, criatura gigantesca em forma de serpente, sem pés nem asas, de espesso corpo ondulante, enorme cabeça e dentes afiados como lâminas que somem pela garganta. Suas narinas expelem um vapor venenoso, seus movimentos abrem trilhas lodosas e repugnantes.

O Lambton Worm nasceu das mãos de sir John Lambton, que com seu anzol o recolheu das águas de um rio, ainda pequeno, negro, feio e enfezado. Contrariado, atirou-o a um velho poço e esqueceu-se dele. Deixou sua vila e foi combater infiéis nas cruzadas. Mas o verme cresceu e cresceu, cresceu sua fome, cresceu sua fúria. Um dia, deixou o poço. O povo se aterrorizou. Ovelhas, cães e bois foram dilacerados e engolidos pelo verme. Durante sete anos não houve uma noite de sono, até que John retornou da guerra condecorado como nobre cavaleiro. Em sua terra natal encontrou desafio digno de sua estatura: matar o grande verme infernal que atormentava seus parentes e vizinhos.

Antes da batalha, John foi prudentemente aconselhar-se com as feiticeiras, que avisaram: você e só você pode dar fim à besta. Se a matar, porém, deve por fim à primeira forma de vida que cruzar seu caminho. Não feito isso, nove gerações de sua família serão mortos e enterrados em lugares desconhecidos, e nunca serão lembrados. John matou o verme, e o primeiro a querer ter a notícia foi seu pai. John se lembrou do conselho dado pelas velhas, e embainhou a espada. John era um herói.

Mas um verme só morre nas

lendas e romances. Na Birmânia, velho reino da Ásia, chamam Nyan o terrível verme-serpente que assombra o povo; em Bengali, Índia, veneráveis bramanes o chamam Gara. Nyan é um temido animal predatório, de força extraordinária, que imerge seu corpo monstruoso a duas mil braças da superfície. Em suas entranhas já foram achados veados, búfalos e cavalos. Nyan também devora elefantes. Ganesh, que a tudo lembra, temia-o acima de tudo.

Os vermes-serpentes tem morada nos estuários e margens dos rios. Heráclito viu um deles serpejar seu corpo quando se banhava nas águas de sempre. Depois disso, nunca mais foi o mesmo. Correu pela pólis, contando para os cidadãos sobre a medonha aparição, mas eles fizeram ouvidos moucos, julgando o fato como mais uma de suas bravatas filosóficas. Condenado a meditar dialeticamente, toda vez que Heráclito retornava ao leito do rio, já era um outro.

Retornar, porém, não é um renascer, e o que renasce renasce mil vezes sem se dar à vista. Plínio, que viu a rara Fênix somente pelos olhos de Manilus, sábio cientista sem mestre, acredita que o pássaro brota de suas próprias cinzas, jamais permanece nas cinzas (só após o declínio da civilização isso se tornará pobre adágio dos homens, do pó vindo e ao pó voltando). Após cinco séculos de vida, sente a Fênix a proximidade de seu fim e constrói para si um ninho com galhos de canela, tomilho, mirra e outras ervas aromáticas. Quando seu tempo finalmente acaba, adentra nele e morre.

Plínio afirma - povos reafirmam, tribos negam, um punhado desacredita - que dos ossos da Fênix nasce um pequeno verme, que sobrevive se alimentando da carne putrefata da ave morta. Cresce o verme, adquire penas e torna-se novamente uma Fênix. Renascida, ela agarra o ninho e o carrega até a Cidade do Sol, onde ao meio dia é posto em um magnífico altar. À vista de todos, é então celebrado o funeral com os restos da ave predecessora. Por mais mil vezes a Fênix não se dará aos olhos de ninguém.

A transmutação dos vermes é ancestral às mitologias. O dragão existe

porque existe um ideograma, uma estátua, uma tatuagem, uma pintura, um golpe de kung-fu, um giro de espada, um broche, um homem e um rio que o traz no nome, na pele e na forma. O dragão existe porque existe o verme, que não tem música, não tem verso, história ou arma que o expulse das vistas. Não é obra da imaginação. Um perfeito mito da razão é descrever do que é irreal.

O dragão é um elevado ser penta-cor, mas tem incontáveis outras formas e tantos nomes quanto escamas. Se deseja ficar pequeno, torna-se um verme mágico, um bicho-da seda; se grande, faz sombra por toda a terra; se quer flutuar, imita o éter; para descer, mergulha além das entranhas da terra. Não avisa quando se transforma, sua presença é indeterminada. Sofre da dúvida quem nunca acendeu um pavio com a chama do sopro do dragão. Aquele que nele crê e descre ao mesmo tempo chama-o Deus.

Contudo, é grasso engano acreditar que Deus está para os vermes como a morte está para o homem. Os vermes não morrem, e Deus foi decretado morto pelo Super Homem. Livre da crença secular, desatado da fé humana, Ele finalmente obteve a condição para tornar-se um ser imortal. É um fresco cadáver - carne dada aos vermes -, ó santa podridão. Antes disso, era três vezes Oni: tudo sabia, tudo podia, em tudo estava. Sentia-se um amaldiçoado, obrigado a aparições e obras que o lembravam continuamente à humanidade. Agora não mais. Clama Ele: "Esqueçam-Me!"

Mas em tempos recentemente remotos, Deus já esteve para os vermes como a morte para o homem. No meio do Setecentos, elegias poéticas ainda eram cunhadas por melancólicos, sombrios, introspectivos e temerosos cristãos. Cantavam a infalível mortalidade humana, a divina putrefação da carne, a intimidade das catacumbas, a venerável solidão da morte, a avidez dos vermes. Um antigo poema, escrito antes do Setecentos, do Seiscentos, do Quinhentos e da Guerra dos Cem Anos versava sobre a sepultura, morada comum a todo ser humano: Esta casa não tem porta e dentro não existe luz/ Aí estás firmemente encarcerado e a morte tem

a chave/ Essa casa de terra é detestável e morar nela é atroz/ Aí estarás, compartilhado pelos vermes.

The smallest worm will turn being trodden on, sentenciou um poeta. E foi o órfão que, enfim, flagrou a imortalidade do ser. Numa tensa manhã do verão de 1848, caminhava ele entre os escombros da Revolução que assolava a cidade de Paris. Na curva de uma rua coberta pelas pedras dos revoltosos, deparou-se com uma formosa carniça. De pernas para o ar, pareceu-lhe uma mulher lasciva. Seu ventre entumecido transpirava letais exalações, suas entranhas se abriam como uma flor a se oferecer.

O olhar de uma cadela zangada o arrancou do estupor. Viu o sol reverberar sobre a carcaça, cozendo-a cem vezes, devolvendo à Mãe tudo que ali se juntara. Moscas zumbiam em negros bandos, bichos borbulhavam no grosso líquido que empapava a terra, indo e vindo como uma vaga que a tudo multiplicava. "Meu amor!", exclamou. A essência e a forma da beleza se revelaram. Ali, a seus pés, ela resplandecia na decomposição. Portanto, se o belo deve aos vermes sua formosura, o que é imortal é anterior a qualquer forma. É obra de vermes.

O que conhecemos dos vermes foi escrito uma única vez, e jamais relido pelo escritor. As palavras, que apodreceram logo após o suspiro de vida do homem, nutriram a imemorial insaciedade de uma longa geração de vermes, que corrompe continuamente a métrica deste tempo. Reproduzimos aqui os versos. Quem fez a rima já teve seu corpo devorado. Espera ser tragado por um último fiapo de luz, e ser finalmente esquecido.

Del otro lado de la puerta un hombre deja caer su corrupción. En vano elevará esta noche una plegaria a su curioso dios, que es tres, dos, uno, y se dirá que es inmortal. Ahora oye la profecía de su muerte y sabe que es un animal sentado. Eres, hermano, ese hombre. Agradezcamos los vermes y el olvido.

«La Prueba»
J. L. Borges, 1981.

* Mestre em História